



(RE)PENSA
HUMANIDADE

Tetã Tekoha: Ëg Tỹ, Ëg Jykre Tó, Věsóg Ki

RESENHA DA OBRA


POR MAURO CÉSAR CASTRO JÚNIOR

Alexandro da Silva Nhandewa, Ana Lúcia Ortiz Martins Kunha Yvoty, Débora Silva Felipe Zamboni, Jaqueline de Paula Sabino, Rodrigo Luís Tupã, Tiago Pyn Tân de Almeida, Uerique Gabriel Matias, Valéria Lourenço Jancintha e Yago Junio dos Santos Queiroz, no livro Tetã Tekoha: Ëg Tỹ, Ëg Jykre Tó, Vēsóg Ki, ecoam um grande grito das juventudes indígenas, dos universitários indígenas e em contextos urbanos e de suas lutas ancestrais e contemporâneas no século vinte e um.

Com registro de dez estudantes de etnias Kanhgág e Guarani da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Tetã Tekoha é uma referência potencial para os movimentos e esforços que buscam a implementação efetiva do ensino da história e das culturas originárias, das cotas raciais e da descolonização do meio acadêmico embranquecido e eurocentrado. O próprio título, escrito em Guarani e Kanhgág, já expressa o conjunto de questões que o livro carrega: o lugar da identidade originária na sociedade brasileira anti-indígena? Qual o lugar da cultura indígena em trânsito com o mundo urbano? Em que medida a autoria e o protagonismo originários fortalecem em contextos não-indígenas?


Com registro de dez estudantes de etnias Kanhgág e Guarani da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Tetã Tekoha é uma referência potencial para os movimentos e esforços que buscam a implementação efetiva do ensino da história e das culturas originárias, das cotas raciais e da descolonização do meio acadêmico embranquecido e eurocentrado. O próprio título, escrito em Guarani e Kanhgág, já expressa o conjunto de questões que o livro carrega: o lugar da identidade originária na sociedade brasileira anti-indígena? Qual o lugar da cultura indígena em trânsito com o mundo urbano? Em que medida a autoria e o protagonismo originários fortalecem em contextos não-indígenas?

Sobre o título também brotam outras questões, como os estudantes contam no livro. Em português, Tetã Tekoha é “Cidade-Aldeia” e Ëg Tỹ, Ëg Jykre Tó, Vẽsóg Ki é “Nossa história contada por nós mesmo”. Se os não-indígenas soubessem a tradução, com certeza perceberiam que o livro trata de trajetórias que cruzam a cidade e a aldeia, no exercício de autoria originária e de entrelaçar vivências e lutas em comum. Mas isso fica bem evidente após a leitura, pois a cada relato, é possível conhecer as experiências de estudantes que carregam angústias e sonhos em comum em meio às tantas encruzilhadas que a cidade anti-indígena coloca para esses jovens, assim como o espaço universitário.



O conjunto desses relatos também pode ser uma boa forma para se analisar a outra extremidade das políticas educacionais de implementação do ensino de história e cultura indígenas no ensino e das cotas raciais. Justamente os estudantes protagonistas dessas leis tão importantes expressam um diagnóstico dos espaços acadêmicos superiores e dos lugares dos estudantes indígenas nesse meio.

Como os estudantes contam sobre o projeto Palavra Indígena da UEL, que deu origem à criação do livro, esses tantos relatos representam, também, uma contribuição para a produção literária indígena. É facilmente tranquilo de se observar o lugar e a importância da autoria originária para a intelectualidade indígena, e como ensina o modelo acadêmico tradicional - de escrita, de pensar e de pesquisar - o valor da trajetória, das vivências, da autoria autônoma e dos saberes e memórias ancestrais.



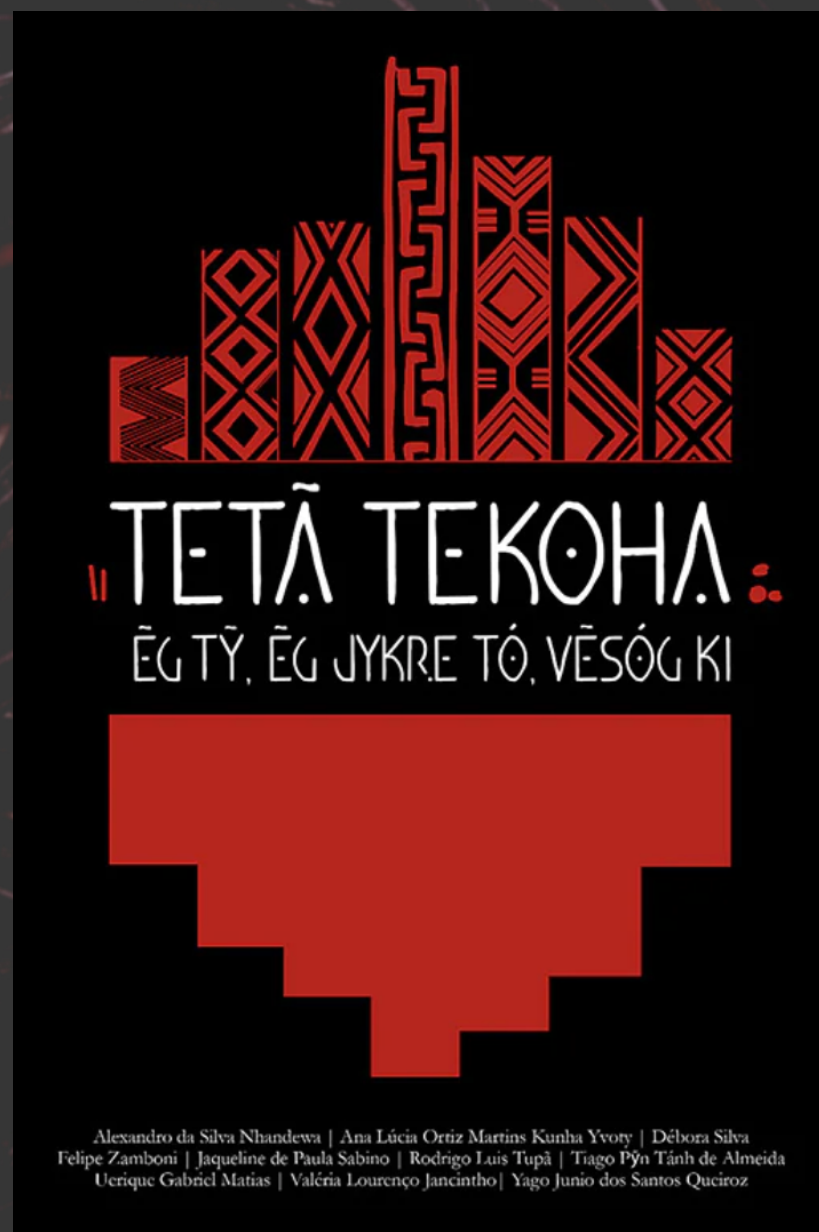
Já comentado brevemente, um outro ponto importante do livro é a relação cidade-aldeia e todos tensionamentos intrínsecos a essa relação. Em uma sociedade anti-indígena, como é a sociedade brasileira, com marcas profundas do racismo e do indiciário, ser indígena na cidade é uma constante de questionamento sobre sua identidade e ancestralidade. Mas com os avançados debates raciais e das lutas dos povos originários no século 21, é fácil observar que essas opressões operam na lógica do racismo estrutural e da branquitude anti-indígena e evidenciam as pautas e atualidades das lutas indígenas contemporâneas.

A monocultura herdada da colonização e a imposição da cultura ocidental no mundo, especialmente nas Américas, é tão violenta ao ponto de fazer acreditar que o lugar do indígena é estritamente na aldeia. A monocultura do capitalismo, do individualismo, do racismo cisheteropatriarcal e do cristianismo tentam impor uma determinada tradição e modo de ser, viver e pensar que se considera única e universal a todos seres humanos.

O trânsito entre cidade e aldeia, entre mundos distintos, entre urbanização e ancestralidade, entre a lógica capitalista e tradição, possibilitam análises e entendimentos complexos sobre as opressões e a dinamicidade da cultura. Por meio dos relatos e da contação de histórias dos dez estudantes indígenas da UEL, Tatã Tekoha mantém viva o registro de memórias que mantém viva a cultura originária, mesmo em contextos hostis à suas presenças.

O trânsito entre cidade e aldeia, entre mundos distintos, entre urbanização e ancestralidade, entre a lógica capitalista e tradição, possibilitam análises e entendimentos complexos sobre as opressões e a dinamicidade da cultura. Por meio dos relatos e da contação de histórias dos dez estudantes indígenas da UEL, Tatã Tekoha mantém viva o registro de memórias que mantém viva a cultura originária, mesmo em contextos hostis à suas presenças.

OBRA DESTAQUE



Autores(as): Alexandro da Silva Nhandewa, Ana Lúcia Ortiz Martins Kunhã Yvoty, Débora Silva, Felipe Zamboni, Jaqueline de Paula Sabino, Rodrigo Luís Tupã, Tiago Pyn Tánh de Almeida, Uerique Gabriel Matias, Valéria Lourenço Jacintho, Yago Junio dos Santos Queiroz

ISBN13: 9786550940089

Edição: 1ª - EDITORA JANDAÍRA (2020)